



## **Comunicação, cultura e juventude. A linguagem midiática na construção da cultura contemporânea: um diálogo com Platão<sup>1</sup>.**

Claudio SCHUBERT<sup>2</sup>

Universidade Luterana do Brasil – Canoas – RS e Univates – Lajeado - RS

### **RESUMO**

Os diferentes processos comunicativos na atualidade, tanto os mediados via modernas tecnologias bem como as interações pessoais, estão permeados de sentidos que podem revelar as verdadeiras intencionalidades destes atos comunicativos. A veracidade não está somente e, principalmente, na linguagem evidente, mas manifesta-se nos enunciados ocultos a primeira vista, mas que são decisivos na formação da racionalidade cultural. Essa é abordagem que o presente estudo se dispõe a fazer. Com o auxílio do filósofo clássico Platão busca-se compreender como sua caracterização da linguagem em forma de remédio, veneno e cosmético se faz presente nos atos comunicativos da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; Platão; comunicação; cultura

### **Localização do tema**

É tese facilmente sustentável, o argumento que defende a grande influência que as relações comunicativas exercem na atualidade na formação cultural e na construção do imaginário social. Uma abordagem possível, nesse enfoque, encontra solo fértil pela análise das diferentes formas de linguagem utilizadas para cativar a audiência. A interação entre emissor e receptor acontece num campo complexo com deslocamentos para um ou para outro território.

Baccegá (2000) compreende que a força formadora da mídia não está nem no emissor e nem no receptor, mas no campo comum criado entre esses dois, onde se geram significados de influência recíproca. “O único limite é o horizonte da formação social na qual estão e que inclui tanto o manifesto como o ainda virtualmente contido como possibilidades a serem realizadas” (Baccegá, 2000, p.104). Ainda segundo a mesma autora, é entre esses dois pólos, emissor e receptor, que se negociam sentidos e significados que proporcionam a interação entre mídia e receptores.

Assim, a mídia dialoga com a sociedade criando significados e sentidos conjuntos, o que numa ação unidirecional não aconteceria. Isto quer dizer que é necessário criar cumplicidade, participação, espaço para a opinião do expectador, um campo de interesse comum, pelo menos aparentemente. Mesmo que essa seja, segundo Habermas (1997), uma ação estratégica e muito

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010 em Novo Hamburgo-RS.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFRGS, professor na Universidade Luterana do Brasil – Canoas - RS e na Univates Lajeado - RS na Graduação e Pós-Graduação. e-mail: claudioschubert@terra.com.br



menos um procedimento no intuito de fomentar uma ação comunicativa que busca construir consensos.

Na presente pesquisa é nesse território, entre o emissor e o receptor, onde se busca compreender o papel que a linguagem exerce na interação entre mídia e sociedade. Para tal, o presente estudo apóia-se em Platão (427 e 347 a.C), especificamente num texto que integra os diálogos que os discípulos tiveram com o mestre Sócrates. No Fedro, Platão, pela argumentação de Sócrates, desenvolve uma reflexão interessante sobre as diferentes formas que a linguagem comumente é usada e o desdobramento deste uso em forma de remédio, veneno e cosmético. Esta perspectiva de leitura nos auxilia na presente análise na busca em compreender de maneira mais aprofundada os desdobramentos que a linguagem comunicacional desperta.

Para Platão, a linguagem pode ser compreendida como um *phármakon*, termo grego que originou o vocábulo *phármaco* e conseqüentemente a palavra *pharmáci* (CHAUI, 1999, p.137). Assim, a palavra *phármakon* tem três sentidos centrais: pode ser remédio, veneno ou cosmético, dependendo do modo como é empregada. Esses três sentidos se complementam na medida em que a linguagem pode exercer as três funções dependendo do uso que alguém dela faz.

### **A linguagem como remédio**

Segundo leitura que se pode fazer do pensamento de Platão, a linguagem pode ser remédio para o conhecimento quando pelo diálogo o ser humano consegue descobrir sua ignorância e aprender para seu auto-desenvolvimento. Nesse sentido, a ignorância pode ser compreendida como uma doença, pois inibe o desenvolvimento total do ser humano. O melhor meio para curar a alma doente é o remédio chamado sabedoria. Segundo Derrida “quando a alma possui por uma vez a sabedoria e a conserva é fácil então dar saúde a cabeça e ao corpo inteiro. E passa-se então ao diálogo sobre a essência da sabedoria, o melhor *phármakon*, o remédio capital” (DERRIDA, 2005, p.73).

Nessa análise, a linguagem seria um meio para curar a doença da ignorância, pois pelo ato dialógico trocam-se idéias, opiniões são ouvidas, acontecem questionamentos e descobrem-se conceitos e paradigmas novos. Essa crença de Platão na linguagem como um remédio contra a ignorância e um bem-estar em favor do conhecimento pode ser percebida em diversas de suas obras descritas em forma de diálogo. Nelas ele desenvolve o método da maiêutica como meio de evolução e desenvolvimento intelectual.

Na análise do Fedro, texto de Platão onde ele fala sobre a linguagem como *phármakon*, ou seja, como remédio, o filósofo traça um paralelo entre o trabalho dos médicos e o poder curativo da linguagem. Conforme Derrida (2005), os médicos eficientes tratam o corpo do



paciente como um todo e com esse cuidado geral conseguem curar especificamente a parte da enfermidade. A transmutação do veneno em remédio é possível pela presença do *phármakon-lógos* que abriga em si essa contradição de ser veneno e remédio simultaneamente. O que decide se ele age como veneno ou remédio é a dose e o modo como é ministrado ao paciente. Assim, o *phármakon* é ambivalente, pois tem a característica do veneno chamado cicuta que Sócrates toma, mas também tem o caráter de libertar da limitação do homem, construindo espaço para um estado virtuoso.

O termo *phármakon-lógos* é importante ser resgatado. O filósofo Aristóteles (384 e 322 a.C) pode nos auxiliar a aprofundar o assunto. Ele foi um dos primeiros pensadores a caracterizar o ser humano por meio da linguagem. No início de sua obra chamada *A Política* ele busca conceituar o homem como um ser social e faz isso por meio do potencial racional que compreende existir na linguagem humana. Para fazer essa caracterização, o filósofo faz um comparativo entre os homens e os animais. Diz ele que o homem como um ser sociável tem capacidade de externar a palavra (lógos) enquanto que os animais possuem voz (phone). “O homem só, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concedida aos outros animais” (ARISTÓTELES, 2009, p.16).

Conforme o filósofo acima citado, com sua voz (phone) os animais exprimem os sentimentos instintivos como dor, raiva, prazer, alegria, fome, desconforto. Assim também a comunicação necessária para viabilizar as formas de organização, como no caso das abelhas, formigas e animais que vivem em coletividade, seguem uma linguagem natural. Algo distinto acontece com o ser humano, pois o homem tem voz (phone) e a palavra (lógos) racionalmente elaborada. E deste modo o ser humano se distingue dos animais, pois a palavra pensada (lógos) cria relações entre o grupo social, fomenta a organização política, os conceitos de justiça e ética, expressando-se numa diversidade de sentidos.

A idéia de que a palavra (lógos) é criadora e transformadora encontra-se de maneira marcante na tradição judaico-cristã. No início do Evangelho de João, segundo versão da língua grega, na tentativa de explicar a origem do mundo o evangelista diz “*Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος*”<sup>3</sup>, ou seja, “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, o Verbo era Deus”<sup>4</sup>. Na tradição cristã, o

---

<sup>3</sup> Segundo versão grega do Novo Testamento. NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 26. Auflage, Deutsche Bibelstiftung, Stuttgart, 1981. Evangelho de João Cap.1 versículo 1.

<sup>4</sup> Tradução segundo João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. É importante observar que aqui o termo logos, que em Aristóteles é fixado por palavra criadora, é traduzido por Verbo, ou seja, é o próprio Deus. Assim lógos é a palavra que é a força criadora. É a lei universal onde tudo se encontra e se identifica, ou seja, a origem de onde tudo o que existe veio. É a célula criadora do existente. É no diálogo que se descobre o lógos, ou seja, a essência



lógos recebe primeiro o nome de Verbo e depois diz que o Verbo é o Deus Criador. Em Aristóteles é a palavra-lógos que cria e com isso há uma distinção entre o ser humano e os animais.

De fato a palavra tem, ainda na atualidade, o poder de criar harmonia ou ruídos na comunicação entre as pessoas. Talvez seja por isso que séculos depois de Aristóteles Rousseau diz “que o homem progride tanto, no bem como no mal, e por que os animais não o fazem” (ROUSSEAU, 2008, p.102). Esse é o poder criador do homem pela palavra enquanto que os animais repetem o que a natureza lhes deu.

Assim, constata-se que tanto no *phármakon*-lógos como em Aristóteles, lógos é a palavra racionalmente elaborada que tem potencial de criar e transformar. É nesse sentido que a linguagem – *phármakon* é remédio. Ela pode curar quando cria relações saudáveis entre as pessoas e destas com o ecossistema, quando pela palavra alguém é auxiliado e esclarecido, quando pelo diálogo o sujeito se desenvolve como ser humano, quando se criam relações de solidariedade, de compreensão, de ajuda mútua, de sinceridade. Sabe-se que a palavra tem poder curativo e que ela dá sentido à vida. A logoterapia<sup>5</sup> já vem provando isso faz tempo. O diálogo esclarecedor que autonomiza e liberta das diferentes amarras é o sentido que podemos dar para a linguagem como remédio.

### **A linguagem como veneno.**

A conhecida citação dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1991, p.11) "por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie" contém indícios explicativos da compreensão platônica da linguagem em forma de veneno. Nessa busca, os frankfurtianos constataram que as relações interpessoais, sociais e institucionais estavam sendo regidas por conceitos irracionais, exibindo, com isso, amostras claras de desumanização que se desdobram em prejuízos sociais.

A linguagem manifesta-se como veneno quando as emissões têm sentido depreciativo, negativista, destrutivo, no intuito de envenenar como diz a palavra. No Fedro de Platão, Sócrates chama atenção que o texto escrito pode ser venenoso quando as palavras são colocadas acima do conteúdo, ou seja, quando a pessoa não entende o verdadeiro sentido do texto que vai além das letras de tinta fixadas na superfície.

---

das coisas. O lógos é a força que move e faz as coisas acontecerem, é pela força do lógos as pessoas criam, as idéias surgem e podem ser concretizadas. Assim, o lógos é o elemento criador que do nada faz acontecer o existente.

<sup>5</sup> Logoterapia foi criada pelo psiquiatra austríaco *Viktor Frankl* (1905-1997). É a terapia que busca cuidar do sentido da vida. Nas terapias o diálogo esclarecedor que auxilia a pessoa a resolver suas interrogações e buscar o auto-conhecimento e sentido de sua vida é um instrumento central.



As pessoas que se agarram à letra morta e não percebem a mensagem que está por detrás da escrita não entendem o que lêem, por isso têm interpretações distorcidas e conclusões equivocadas. É o que em muitos momentos o conteúdo midiático fomenta, ou seja, a incapacidade de fazer uma leitura da realidade e avaliar o que as palavras ditas significam e como repercutem no meio social. Isso acontece quando se busca o sucesso pelo sucesso sem medir o poder destrutivo que as conseqüências destas palavras produzem. Para situações assim, Sócrates tem um recado: “És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas se, com teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa” (PLATÃO, 2007, p.112).

Mais grave ainda são aquelas pessoas que se fazem de sábias por aparentemente dominarem as letras, mas que na verdade não entendem o que está escrito, pois a escrita é externa à realidade essencial contida no texto. Não são os caracteres estranhos que mostrarão o caminho da verdade, mas a verdade que precisa ser revelada. Para eles, o Fedro de Platão diz “com ajuda de caracteres estranhos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos, que passarão a despertar suas reminiscências. Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade” (PLATÃO, 2007, p.111 e 112). São aquelas pessoas que repetem o que outros já disseram, citam autores para dar a impressão de serem cultos e instruídos, mas na verdade sequer sabem o que estes de fato dizem.

Adorno e Horkheimer nos ajudam a esclarecer esse modo de pensar. Para eles, essa é uma razão que se movimenta de maneira restritiva, onde o desdobramento pode ser percebido no divórcio entre a sociedade e a ciência, entre essência e aparência, entre consumo e inteligência, por exemplo. A racionalidade que determina as relações na sociedade - da ciência com o ser humano e com a natureza - é instrumental, isto é, não serve como elemento de emancipação do ser humano, mas contrasta com uma sociedade cada vez menos esclarecida e autônoma.

Se a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento, então a tentativa de por a nu semelhante depravação tem de recusar lealdade às convenções lingüísticas e conceituais em vigor, antes que suas conseqüências para a história universal frustrem completamente essa tentativa (ADORNO/HORKHEIMER, 1991, p.12).

Sócrates, por meio de Platão ainda diz mais para demonstrar como a linguagem pode ser venenosa, especialmente por meio daqueles que se julgam os sábios por dominarem o texto e não terem noção do conteúdo verdadeiro presente nele. “Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando na grande maioria, não passam



de ignorantões, pseudo-sábios, simplesmente, não sábios de verdade” (PLATÃO, 2007, p. 111 e 112). A leitura que Derrida faz de Platão reforça a tese de que o texto escrito não é o conhecimento em si, mas é apenas uma história recitada. A verdade não está no texto como tal, mas precisa ser interpretada para a realidade contextual. Para Adorno e Horkheimer situações como esta se dão devido a uma paralisação do pensamento esclarecedor, “assim também a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, do mesmo modo, a figura que esta assume na realidade efetiva” (ADORNO/HORKHEIMER, 1991, p.14).

Por isso não faz sentido simplesmente repetir o que outros já falaram e escreveram sem compreender o seu significado na essência. Esse é o questionamento que Sócrates faz. Por isso a linguagem pode ter efeito de veneno. Para Derrida, “a escritura só intervém, pois, no momento em que o sujeito de um saber já dispõe de significados que a escritura então apenas consigna” (DERRIDA, 2005, p.85). Nesse aspecto, o texto escrito é idêntico ao mito, que fala sobre alguma coisa, mas não é a coisa em si.

Na atualidade facilmente vemos manifestações de linguagens venenosas em forma de palavras que se apresentam como remédio, mas são tóxicas e envenenam. São discursos envolventes, sedutores e enganadores. Conforme Adorno e Horkheimer essa é a consequência da instrumentalização da razão que se dá especialmente pela mídia e com mais intensidade na mercantilização das expressões culturais. Isso significa que a racionalidade moderna, voltada à técnica e ao interesse econômico, é o elemento a partir do qual a mídia se desenvolve e age na estruturação social” (MUÑOZ, 1989).

Derrida aprofunda a reflexão quando diz que o “livro, o saber morto e rígido encerrado nos *bibliá*, as histórias acumuladas, as nomenclaturas, as receitas e as fórmulas aprendidas de cor, tudo isso é tão estranho ao saber vivo e à dialética quanto o *phármakon* como veneno é estranho à ciência médica” (DERRIDA, 2005, p. 17). É nesse sentido que o texto pode ser enganoso, ser aparentemente um lugar confiável para preservar o saber, mas com isso as pessoas perdem a capacidade de exercitar sua mente.

A mídia, para a consolidação desse processo, ocupa uma função extremamente importante, pois é ela que forma a opinião pública e persuade para o consumo. Na medida em que o trabalho desumaniza o trabalhador por influência da técnica, a mídia fornece o entretenimento. Na medida em que as pessoas procuram o lazer para “fugir” do trabalho mecanizado através da diversão que as modernas tecnologias da comunicação e informação oferecem, tornam-se, outra vez, reféns, pois ali não encontram saídas para a emancipação, mas aprofundam sua relação de dependência com o sistema que, inclusive, é reforçada.



Podemos nos defender desta linguagem venenosa quando buscamos a essência do que é apresentado, a verdade que esclarece, os detalhes omitidos, a intenção verdadeira. Sabemos que a linguagem revela fatos ocultos que para o interlocutor menos atento facilmente escapam da percepção, mas que expressam a intencionalidade predominante no ato da fala. Com o texto deve acontecer a reflexão hermenêutica e dialética, ou seja, interpretá-lo na comparação crítica com as diferentes verdades, períodos, contextos e culturas. É a hermenêutica que pode transformar o texto em remédio.

### **A linguagem como cosmético.**

A linguagem pode ser compreendida como cosmético quando ela mascara e maquia a realidade apresentando fatos aparentes para, como isso, esconder a verdade concreta. Assim o cosmético se faz presente quando espertamente alguém se esquivava e tenta manter uma mentira maquiada de verdade, uma ilusão mascarada de realidade. A linguagem também se apresenta como cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob um jogo de palavras, jargões ou enunciados. É quando, “operando por sedução, o *phármakon* faz sair dos rumos e das leis gerais, naturais ou habituais” (DERRIDA, 2005, p.14).

As diferentes formas de discurso com enunciados dissimuladores, meias palavras, termos confusos e dúbios apresentam uma aparente verdade, mas após uma análise mais criteriosa revelam conteúdo oposto. São emissões onde as verdades são obscuras e levam, como consequência, o interlocutor para um caminho no qual ele não tem consciência e lucidez necessária e, assim, ele acaba fazendo o que de sua consciência não faria. A linguagem em forma de cosmético é aquela que incorporou ao seu discurso a idéia de acumular o poder e o lucro (ADORNO E HORKHEIMER, 1991).

Pela linguagem em forma de cosmético, pode-se perceber a existência e o desenvolvimento restritivo da razão na ciência técnica, especialmente vendo nesse progresso sua realização maior. O terreno no qual a técnica conquista seu espaço é alavancado pela influência que o poder econômico exerce na sociedade. A racionalidade técnica transforma-se, assim, num elemento de dominação sobre o cidadão. Essa racionalidade, na formação do sujeito, desvincula o conhecimento da sociedade. Isso significa que o conhecimento técnico se apresenta como um sistema que está fundado no princípio da existência de “um único discurso sobre o que é ciência e teoria” (PRESTES, 1994, p.98). É isso que Adorno e Horkheimer (1991) chamam de razão instrumental.

Palavras aceitas por fascinação, sem critérios de sua veracidade ou falsidade facilmente aparentam ser o que não são. A sedução tendenciosa e indevida é um *phármakon* cosmético na



linguagem de Platão, pois leva a atitudes de desrespeito em relação à vida em suas diferentes expressões.

É nessa direção que se pode compreender a reflexão de Habermas quando ele diz que “o pensamento esclarecedor foi ao mesmo tempo entendido como antítese e força contrária ao mito” (HABERMAS, 2000, p.154). Adorno e Horkheimer complementam a idéia quando falam que “o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (ADORNO/HORKHEIMER, 1991, p.15). Pucci compreende que o pensamento racional e esclarecido “que visava fazer do homem um cidadão do mundo, livre e autônomo, se reveste das qualificações retrógradas que combatia em seus inimigos. Ele, que experimentava um pavor destrutivo perante o mito, a crença, o metafísico, acaba se transformando em mito” (PUCCI, 1994, p.26).

Isso significa que o pensamento esclarecedor foi contrário ao mito e ao discurso religioso fundado em verdades pré-existentes advindas de fora. Num primeiro momento, o pensamento esclarecedor rompeu essa forma de verdade fundada numa autoridade externa com argumentos racionais, mas, num segundo momento, acabou tornando-se um novo “mito” devido as verdades prontas, os slogans acabados e principalmente devido às diferentes formas de linguagens enganadoras que falam meias verdades, que confundem, que são maquiadas em forma de um *phármakon* cosmético.

A reflexão acima elaborada pelos filósofos encontra suporte no pensamento de Platão. No Fedro de Platão, Sócrates narra uma lenda antiga do Egito para explicar que a escrita pode ter aparência de remédio, mas de fato ser cosmético. Muito brevemente diz a lenda que o semideus Teute apresenta ao rei dos deuses Tamuz uma série de descobertas. Na avaliação, o rei as criticava ou as elogiava conforme eram apresentadas. Quando o semideus Teute apresentou a escrita ao rei Tamuz lhe disse que aí estava uma descoberta que deixaria os egípcios mais sábios e com a memória muito melhor. Este seria o remédio para curar-se do esquecimento e da ignorância. Ao responder a argumentação de Teute, o rei Tamuz avalia dizendo “como pai da escrita: dada a afeição que lhe dedicas, atribui-lhes a ação exatamente oposta a que lhe é própria, pois é bastante idônea para levar ao esquecimento à alma de quem aprende, pelo fato de não obrigá-lo ao exercício da memória” (PLATÃO, 2007, p.111).

Desta fábula podemos interpretar que, em termos de construção do conhecimento, o texto pode ser uma questão de vida ou morte, ou seja, que auxilia na autonomização do sujeito, nas suas descobertas e crescimento pessoal, mas a escrita também serve para manter as pessoas presas às letras, as normas e leis sem capacidade da interpretação e relação com a realidade. A escrita aponta para a vida quando o leitor busca a verdade, a realidade, aquilo que se encontra





nas entrelinhas, quando há compreensão do que está escrito além das palavras de tinta fixadas no papel. “A credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais” (ADORNO/HORKHEIMER, 1994, p.19) caracterizam como linguagem enganadora, ou um *phármakon* cosmético. Além disso, existe “a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de impor junto às pessoas um conjunto de valores como se fossem positivos” (Adorno, 1995, p. 80).

Um caso típico da linguagem que se apresenta como cosmético, além da televisão, é o cinema<sup>6</sup>. Segundo a compreensão adorniana, esse meio procura adaptar e apresentar o conteúdo veiculado como um prolongamento do cotidiano. Na concretização dessa inter-relação, Adorno aponta um detalhe importante. Para ele, o filme adentra o espectador, que precisa se adaptar à realidade do filme para poder estabelecer uma relação de compreensão. Para que o consumidor possa se sentir familiarizado com os produtos culturais oferecidos, é necessário que ele corresponda às exigências, inclusive as de consumo (ADORNO/HORKHEIMER, 1991).

O entretenimento passa a ser vendido pela indústria cultural como sendo um elemento da própria cultura. “Divertir significa sempre não ter que pensar no cotidiano, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado” (ADORNO/HORKHEIMER, 1991, p. 135). A cultura de massas toma emprestado os elementos da arte, pois esta fornece a substância trágica que a pura diversão por si só não pode trazer. Não é por acaso que a indústria cultural trabalha comportamentos, conceitos e especialmente valores éticos na mídia, pois segundo, Adorno, “a cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável” (ADORNO/HORKHEIMER, 1991, 143).

Adorno compreende a cultura como a ampliação do conhecimento humano, tanto intelectual como sensível, mediante o conhecimento racional. Na indústria cultural, segundo Adorno, esse conceito não está mais presente no momento em que a subjetividade social assume componentes fortes de irracionalidade pela ação simbólica da mídia. Segundo compreensão de Muñoz (1989), na indústria cultural, são os meios de comunicação que atuam numa dupla função: por um lado entre a estrutura material e econômica e, por outro, entre a estrutura criadora e difusora de idéias, imagens e símbolos coletivos.

---

<sup>6</sup> Adorno fala no cinema, mas essa crítica é extensiva à televisão e seria, na atualidade, muito mais contundente ainda do que foi em 1963 (Adorno, 1995).



È nessa dinâmica que a linguagem, midiática facilmente assume sua função de *phármakón* – cosmético. As evidências são maquiadas quando os fatos são distorcidos, por intenção ou ignorância, ao invés de levarem ao esclarecimento do sujeito. Nesse sentido poderia ser levantada uma análise do processo educativo brasileiro que em muitos momentos ensina a repetir o que outros já falaram e não acrescenta muito à formação do sujeito, a sua autonomia como cidadão. A idéia da linguagem como cosmético é exatamente essa, de maquiar a verdade apresentando uma realidade aparente, ou seja, falsa.

### **Palavras conclusivas**

Pode-se perceber que, ao utilizar-se de qualquer forma de linguagem, o ser humano pode tanto expressar significados, sentidos, conotações, conteúdos que terão como desdobramento a forma *phármakon* – linguagem em forma de remédio, veneno ou cosmético. Essas emissões podem indicar tanto o bem quanto o mal, o justo e o injusto, criar verdades ou mentiras, construir ou destruir, animar ou desanimar, surpreender ou frustrar, construir um clima saudável ou doentio, prezar a vida ou a morte. Sabe-se que a linguagem, independente de qual for, pode esclarecer ou enganar, construir ou destruir, revelar ou esconder, seduzir e influenciar os interlocutores. É importante a sociedade atual se dar conta que o ser humano tem o poder e a capacidade de no ato comunicativo escolher a direção para a qual quer direcionar as suas ações.

### **Bibliografia**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido A. de Almeida. 2. Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, João Ferreira de. Edição revista e atualizada no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2 ed. ver. atual. , São Paulo: 1993, p. 64.

ARISTÓTELES. *A Política*. 2ªed. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2009, p.16.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio. *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 11ªed. Editora Ática, São Paulo: 1999, p.137.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: UIluminuras, 2005, p.73.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Tradução de Manuel J. Redondo. 3. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.

\_\_\_\_\_. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.



MARKERT, Werner (org.). *Teorias da Educação do iluminismo, conceitos de trabalho e do sujeito*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1994.

MUÑOZ, Blanca. *Cultura y Comunicación. Introducción a las teorías contemporáneas*. Barcelona, Editorial Barcanova, 1989.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 26. Auflage, Deutsche Bibelstiftung, Stuttgart, 1981.

PLATÃO. *Fedro, Cartas, O Primeiro Alcibíades*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 2ªed. Belém: EDUFA, 2007, p.112

PRESTES HERMANN, Nadja. *A razão, a Teoria crítica e a Educação*: In: Teoria Crítica e a Educação. Petrópolis, Vozes, 1994.

PUCCI, Bruno (org.) *Teoria Crítica e Educação*. Petrópolis, Vozes, 1994

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Tradução de Fulvia M.L. Moretto. 3ªed. Campinas, SP: UNICAMP, 2008, p.102.